

Com Quem Falam os Adolescentes Sobre Sexualidade?

Ilacões com Base nos Resultados de um Questionário

MARIA GOUVEIA PEREIRA (*)

1. INTRODUÇÃO

Na história da sexualidade persistiu durante muito tempo a perspectiva tradicional, onde a moral dominou, emprestando uma valorização negativa à sexualidade e ao erotismo. A sexualidade tem apenas um objectivo: a reprodução.

No final do século passado e durante o século XX, surgem novas perspectivas de abordagem da sexualidade ligadas a diversas áreas científicas, como a de Freud na psicanálise, a de Margaret Mead e a de Malinowsky na antropologia, que contribuíram para o reconhecimento da sexualidade como uma componente positiva do desenvolvimento do indivíduo ao longo de toda a vida. Ela passa a ser considerada como parte integrante da vida individual, contribuindo as suas manifestações para o equilíbrio pessoal e relacional.

Nas últimas décadas, aparecem também diversos movimentos sociais com algum significado, nomeadamente, os movimentos feministas e juvenis, que defendem publicamente o direito à contracepção, à legalização do aborto e à igualdade de direitos e oportunidades entre os sexos.

A Igreja Católica, como é sabido, desempenhou e continua a desempenhar um papel vital na influência de opiniões e atitudes dos

indivíduos face ao comportamento sexual. Contudo, essa influência não se pôde manter unívoca atendendo ao fluxo ascendente de jovens católicos praticantes, que a obrigou a reflectir e a aceitar timidamente algumas formas de contracepção — os chamados métodos naturais. Esta aceitação, embora limitada, implica o reconhecimento da sexualidade com funções diferentes de meramente reprodutiva.

Convém no entanto, matizar esta posição tendo em conta que o próprio papel da Igreja e o seu poder em termos de emissão de valores é determinado por contextos políticos e sócio-económicos particulares que variam de país para país.

Em Portugal, após 1974, começou a vislumbrar-se uma política de abertura a algumas questões subjacentes à sexualidade, por exemplo, a da contracepção, e a da legalização do aborto.

Mais recentemente, tem-se vindo a discutir, com algum entusiasmo, a introdução de programas de Educação Sexual nos curricula escolares. Em 1988, teve início a Reforma do Sistema Educativo, criando-se duas novas áreas curriculares — o espaço da «Área-Escola» e a disciplina de «Desenvolvimento Pessoal e Social» (em alternativa à disciplina de Educação Moral e Religião Católica ou de Outras Confissões) o que veio a permitir, embora ainda a título experimental, a implementação de programas de educação sexual em algumas escolas.

(*) Assistente Estagiária, ISPA.

A Associação para o Planeamento da Família tem defendido a urgência da integração da educação sexual nas escolas, e fornecido aos jovens um espaço de informações, tanto quanto possível imparciais, sobre a sexualidade e outras questões inerentes à adolescência.

Para além da consciência, positivamente acrescida, da importância que assume a vivência duma sexualidade equilibrada no desenvolvimento harmonioso do ser humano com o OUTRO e o seu meio, também o assumir das consequências negativas provocadas pela gravidez indesejada, pelo aborto, e pelas doenças sexualmente transmissíveis, entre as quais, evidentemente, a SIDA, hoje, existe a convicção cada vez maior da necessidade de aplicação de programas de educação sexual nas escolas.

Esta atitude, que, quanto a nós, manifesta já progressos no que respeita ao discurso sexual, peca ainda, no entanto, pelo facto de enfatizar determinadas componentes da sexualidade negligenciando outras. Prazer, afectividade e reprodução são elementos inerentes ao processo da sexualidade, que, para ser vivida de um modo total, tem que integrá-los num todo coerente. Ora a componente prazer parece ainda bastante ausente das discussões sobre o tema da educação sexual, acentuando-se preferencialmente a componente reprodutiva e o tom preventivo, sem dúvida o mais preocupante, mas não o mais edificante no sentido de uma pedagogia sexual.

A educação sexual, na nossa perspectiva, é um processo formativo contínuo e é construído nas vivências quotidianas de todos nós.

Assim sendo, pensamos que ela deve começar antes do indivíduo atingir a puberdade, ou seja, antes do início da sua vida reprodutiva, para que possa conduzir a um desenvolvimento equilibrado/saudável.

Como Sampaio (1993) afirma «(...) muitos problemas da adolescência têm origem em dificuldades já experimentadas na infância. Por exemplo, as questões complexas da identidade sexual que se tornam nítidas quando se é adolescente, são influenciadas pelos passos dados pela criança no modo como esta organiza a sua sexualidade infantil» (p. 99). Ora, se a criança crescer num espaço onde possa colocar as suas dúvidas e perguntas, e existir um diálogo

aberto e de confiança entre ela e a sua família, poder-se-ão minimizar dificuldades sentidas e prevenir problemas quando adolescente.

Importa, no entanto, ter em conta algumas constatações particulares. A literatura sobre a adolescência evidencia que as transformações corporais são vividas de forma diferente pelos rapazes e pelas raparigas, reflectindo-se na forma diferente como vivenciam, respectivamente a sua sexualidade. Nas raparigas, a menstruação constitui um ponto de referência claro, não só para definir o momento da puberdade, como também para a definição da sua identidade psico-sexual. Nos rapazes a descoberta da ejaculação, a evidência dum rápido crescimento de estrutura, peso, mudança de voz — únicos sinais que permitem distinguir um púbere de um impúbere — não substituem o acontecimento marcante e referencial que é a menstruação para as raparigas, o que implica outro tipo de dificuldades: as transformações físicas são sempre referidas pelos adolescentes, especialmente pelos rapazes, como uma das mudanças importantes, sendo por vezes vividas pelos jovens como desconcertantes e angustiantes. Podemos, assim, compreender a enorme necessidade que sentem em falar dessas transformações, com alguém em quem depositem confiança. A satisfação dessa necessidade possibilita ao jovem compreender o seu desenvolvimento psico-sexual de crucial importância para a construção da sua identidade.

Pelo contrário, se o adolescente não viveu duma forma harmoniosa as transformações corporais terá mais dificuldade em aceitar o seu corpo sexualizado, em assumir o desejo erótico e o prazer sexual.

Alguns estudos realizados nos Estados Unidos da América, Itália e, como veremos, também em Portugal, evidenciam um grande embaraço quando se trata do diálogo entre pais e filhos em relação ao argumento sexual. Embora os pais com filhos adolescentes, tenham, em princípio, vivido a sua adolescência nas décadas de 60 e 70 — período de contestação dos valores tradicionais familiares —, constata-se que receberam uma educação tradicional onde não era contemplada a vertente sexual. Estes pais, que questionavam os valores transmitidos pelos seus pais e desejam ceder novos valores aos filhos, parecem agora eles próprios não dispôr

de um modelo parental no qual se possam basear e contrariar a tendência para a reprodução da educação recebida na sua infância. Permanece, assim uma atitude ambivalente. Muitos pais, aliam aos tabus e vergonhas que povoam ainda a sexualidade o receio de terem informações insuficientes e de não serem capazes de responder adequadamente às perguntas dos filhos. Os pais com filhos adolescentes, estão também eles, a reviver a sua adolescência, os seus desejos e medos inconscientes, tornando-se complicado compreender as suas próprias dificuldades e as dificuldades dos filhos.

Mas é neste preciso momento que se devem situar os processos de individualização/separação do adolescente em relação aos progenitores e o de construção da sua identidade psico-sexual. E para agravar as coisas, este processo de separação é vivido muitas vezes numa forma ambivalente, tanto pelos filhos como pelos pais. Os progenitores, se, por um lado desejam que o seu filho manifeste capacidades de independência e tome as suas próprias decisões, temem as consequências dessa independência, sobretudo no que respeita às suas decisões sexuais. Por seu turno, os filhos desejam criar um espaço de privacidade afastando dele os pais, mas oscilam entre o fascínio e o medo da autonomia que lhes é concedida, muitas vezes, de modo ambíguo.

A família é o contexto social e relacional, na qual acontecem estes processos, e, ao mesmo tempo, representa o interlocutor privilegiado de informação até à puberdade, existindo depois uma diminuição progressiva desse seu papel e uma orientação cada vez maior do adolescente para o grupo de pares.

O grupo de pares é percebido pelo adolescente como lugar de interações sociais da vida afectiva e trocas cognitivas. O grupo oferece ao adolescente novos objectos de identificação, além de um espaço de segurança, de expressão e de comparação de comportamentos, ajudando-o na redefinição da sua identidade. Como afirma Meltzer (1981), os adolescentes «vivem em conjunto fortes processos de identificação».

Ceroni et al. (1987) referem que o reconhecimento da nova identidade psico-sexual não se constrói no grupo através de uma comunicação problematizada, mas, através de afirmações ba-

nais, óbvias e de brincadeira, úteis para a tranquilização de angústias e dúvidas e não para «saber mais».

Paralelamente ao núcleo de relações familiares e ao grupo de pares, outras fontes de referência mais institucionalizadas e fornecedoras de outro tipo de informação, como a escola e os meios de comunicação, contribuem também para a formação da sexualidade do adolescente.

2. ESTUDO

Considerando, então que nos estudos sobre a adolescência, e mais concretamente sobre a sexualidade na adolescência, se deverá ter em atenção o contexto sócio-cultural e relacional dos adolescentes, pretendemos, aqui, analisar quais as principais fontes — pais, amigos, meios de comunicação, professores — *a que recorrem* para se informar sobre o tema da sexualidade e, quais são as fontes *a que desejariam recorrer*. Com o objectivo de confrontar as opiniões dos filhos e respectivos pais, fomos também analisar junto destes, quais pensam ser as fontes de informação dos seus filhos. Foi ainda nosso objectivo, averiguar qual a atitude dos adolescentes e respectivos pais face à introdução da disciplina de educação sexual na escola.

3. MÉTODO

3.1. *Sujeitos*

A amostra foi constituída por 100 adolescentes — 50 do sexo feminino e 50 do sexo masculino — estudantes do ensino secundário, com a idade média de 16 anos e respectivos pais (pai e mãe separadamente), pertencentes ao *status* socio-cultural médio-alto, residentes na área da Grande Lisboa.

3.2. *Procedimentos*

Para proceder à recolha da informação recorremos a 2 questionários, (com perguntas fechadas e abertas) um dirigido aos filhos e outro dirigido aos pais. O questionário dos filhos foi entregue na escola, na sala de aula. O questionário dos pais (um para o pai e outro para a

QUADRO 1
Fontes de Informação Sexual (Resultados Globais)

	Rapazes	Raparigas
Amigos(as)	88%	84%
Pais	48%	66%
Televisão	44%	34%
Leituras (livros e revistas)	44%	59%
Irmãos(ãs)	29%	48%
Partner	43%	30%
Professores	10%	12%

mãe) foi preenchido por estes nas suas casas tendo-lhes sido pedido que respondessem individualmente.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste estudo, os resultados mostram-nos algumas diferenças entre os jovens, relativamente ao acesso à educação sexual, e aos temas por eles mais discutidos. 90% dos rapazes e apenas 65% das raparigas afirmam terem recebido informação/educação sexual. Esta diferença leva a que, uma percentagem superior de raparigas referencie ter mais dúvidas que gostaria de esclarecer.

Nessa educação, os temas mais discutidos pelas raparigas são, em primeiro lugar, os aspectos preventivos, e em segundo, temas ligados ao acto sexual, enquanto que, ao contrário, os rapazes referem em primeiro lugar, os assuntos respeitantes ao acto sexual e em segundo, os aspectos preventivos.

Estes resultados, revelam, a enorme dificuldade em abordar a sexualidade como um todo, ou seja, em falar de componentes extremamente importantes, como sejam, a título de exemplo, a 1.ª relação sexual e a questão relacional e afectiva. Mas, de um ponto de vista mais pragmático, a diferença entre as respostas das raparigas e dos rapazes sugere que a relação entre a sexualidade e a gravidez as leva a reter preferencialmente os temas preventivos, sem dúvida também preocupantes para os rapazes

— numa altura em que todo o discurso sobre a sexualidade o aborda necessariamente por outros motivos — mas menos actuaes sobre eles.

4.1. *Fontes Informação Sexual*

A análise das principais fontes de informação a que os jovens dizem *recorrer efectivamente* revela uma diversidade de procura, apresentando-se apenas o espaço dos «amigos» como quadro de recurso mais recorrente para a maioria.

Mas se, em geral, os amigos constituem uma das fontes principais e de grande referência na comunicação sobre os argumentos sexuais tanto para os rapazes como para as raparigas, a análise do quadro seguinte demonstra também variantes entre uns e outros para a escolha das outras fontes. Enquanto para os rapazes os pais, a televisão, as leituras e o *partner* constituem fontes de informação com um significado aproximado, para as raparigas os pais, as leituras, os irmãos parecem assumir maior relevo (ver Quadro 1).

É também de salientar, que um maior número de raparigas recorrem aos pais; mas, como iremos verificar, isso significa provavelmente por parte delas um maior desejo, por vezes não concretizado, de se dirigir à família para conversar sobre esse assunto. Para muitos rapazes, os pais constituem decididamente uma referência menos importantes do que para as raparigas. Neste estudo, como veremos também mais adiante, a mãe aparece na família como

personagem central, e, para o caso das raparigas, os irmãos, nomeadamente a irmã mais velha, aparecem também como fontes de informação importantes.

Verifica-se também que os rapazes, mais do que as raparigas, encontram no *partner* uma referência aparentemente importante para dialogar sobre o argumento sexual. Por outro lado, em relação aos meios de comunicação, os dados demonstram que os rapazes, a TV, é o meio privilegiado, e em segundo lugar, aparecem as leituras, enquanto para as raparigas sucede o inverso. Importa ainda esclarecer que em termos das leituras, as raparigas manifestam preferência pelos livros e os rapazes pelas revistas.

As fontes de informação menos relevantes são, em ambos os casos os professores.

Constatam-se também diferenças entre os jovens entrevistados quando interrogados sobre quais são para si os interlocutores verdadeiramente importantes para falar de sexualidade (entendendo-se por interlocutores os amigos, os pais e os professores). Os amigos são indicados por 54% dos rapazes e 36% das raparigas, enquanto os pais são referidos por 46% dos rapazes e 59% das raparigas. No que diz respeito aos professores nenhum dos rapazes os indica e são citados somente por 5% das raparigas.

Mas quando questionados relativamente a quem gostariam de se dirigir em primeiro lugar para falar sobre este tema, as diferenças entre rapazes e raparigas ganham novos contornos. 60% dos primeiros declaram a sua preferência pelos amigos e 24% pelos pais, enquanto 22% das segundas indicam os amigos e 52% os pais. É de salientar ainda que 14% das raparigas referem os professores e nenhum dos rapazes o faz. O *partner* é referido por 16% dos rapazes e por 12% das raparigas.

As discrepâncias entre as fontes de informação a que as raparigas recorrem e aquelas a que gostariam de recorrer — entre fontes reais e fontes desejadas — poderão exprimir um desejo de uma comunicação mais dialogante do que realmente os pais pensam ter com elas. Nos rapazes esse desejo não é manifestado, não se podendo afirmar se assim acontece pelas dificuldades que parecem ter em abordar este temas ou se por não se sentirem de facto tão insatisfeitos como as raparigas com essa situação. Em todo o caso, a comunicação com

os amigos parece pôr-lhes menos questões.

Ora, sabendo nós que a comunicação sobre este assunto no seio do grupo de pares é pouco implicada, podemos ser levados a concluir que as raparigas parecem mais exigentes e motivadas para a obtenção de informação, desejando, portanto, outras fontes de informação menos «limitadas» do que a que é por ele constituída.

A diferença de respostas evidenciam-se também, é claro, ao compararmos os resultados dos questionários dos jovens com os de seus pais. Os pais auto-atribuem o papel primordial na comunicação sobre a sexualidade a si próprios. 44% das mães e 38% dos pais pensam que os filhos os procuram em primeiro lugar. A maioria das mães justifica as suas respostas dizendo que os filhos se sentem «mais à vontade» com elas, e um menor número, que têm com os filhos uma «relação aberta». Constatamos ainda, que a totalidade dos pais enfatiza o tipo de relação que têm com os filhos, ou seja, descrevem-na como uma relação aberta sem barreiras. Os amigos dos jovens são remetidos (ao contrário do que os seus filhos sugerem) para segundo plano: apenas (39%) das mães e (33%) dos pais os referem.

4.2. *Diálogo no seio da família*

Interessava-nos saber se no seio destas famílias existem hábitos de comunicação real sobre o tema da sexualidade e quem eram os interlocutores participantes. Os resultados evidenciam, mais uma vez, as diferenças entre as respostas dos filhos e dos pais. No que respeita aos jovens, 58% dos rapazes e 77% das raparigas afirmam falar «às vezes» com os pais, e 22% dos rapazes e 12% das raparigas confessam «nunca falar» de temas sexuais com os progenitores (estudos em Itália revelam proporções inversas para a mesma questão e uma análise comparativa seria, sem dúvida interessante).

Quanto à identidade dos interlocutores familiares a que os jovens recorrem, verificamos que os rapazes têm esse diálogo preferencialmente com os progenitores, secundados pelos irmãos. Um menor número, expressa a recorrência ao pai ou à mãe isoladamente. As raparigas falam numa percentagem igual, quer com ambos os progenitores, quer apenas com a mãe (num número superior aos rapazes), e imedia-

tamente a seguir, uma vez mais, aparecem os irmãos com bastante relevância. Salienta-se também que nenhuma rapariga refere falar com o pai isoladamente.

No que respeita ao casal, 57% das mães pensam que os filhos perante algum problema ou dúvida, se dirigem preferencialmente a elas, e 29% pensam, que os filhos procuram ambos os progenitores. 45% dos pais entrevistados dão, também eles, a primazia à esposa, e 47% refere que os filhos se dirigem a ambos. É interessante notar, que o papel da mãe, que tal como já vimos pelas afirmações dos filhos, apresenta grande relevo nessa comunicação — especialmente junto das filhas onde assume, por vezes, o papel de confidente — é sobrevalorizado, indiscriminadamente, por ambos os elementos do casal. Por outro lado, os irmãos e irmãs que são apresentados pelos jovens que os têm como interlocutores importantes nos argumentos sexuais, são quase omitidos pelos pais.

Relativamente à questão de quem inicia o diálogo, a análise dos resultados demonstra que, os rapazes afirmam que ele pode ser despoletado indiferentemente por eles ou pelos pais, enquanto uma percentagem significativa de raparigas, refere que os pais raramente ou nunca o iniciam.

No quadro dos progenitores existem diferenças internas: as mães, uma vez mais, pensam ser elas as protagonistas a desencadear o diálogo, ou então, em menor percentagem, referem ser o casal. Os pais, maioritariamente, referem que são todos os elementos da família (filhos e pais), mas simultaneamente, reconhecem à esposa capacidades impulsionadoras do diálogo e de dar conselhos face aos problemas e dúvidas dos filhos.

Em todo o caso, tanto o pai como a mãe, sustentam que não são os filhos a tomar essa iniciativa, ao contrário do que exprimem os próprios adolescentes.

Os progenitores, ao assumirem-se como aqueles que tomam a iniciativa do diálogo, referem os filhos como receptivos para aprofundar as questões, mas são sobretudo as mães, que evidenciam a atitude de interesse por parte dos filhos, e aproveitam o momento para esclarecer outros aspectos subjacentes à sexualidade.

Do ponto de vista dos filhos, a atitude respectiva do pai e da mãe em relação a estas

questões apresenta também diferenças significativas. Os rapazes referem-se maioritariamente à postura do pai como receptiva, enquanto que as raparigas a declaram antes de evasiva. A expressão de embaraço e constrangimento ao abordarem entre si estes assuntos parece ser comum a todos, sendo no entanto, mais claras as dificuldades no diálogo quando o jovem/filho é do sexo feminino. As raparigas explicitam o sentimento de que os pais têm para com elas comportamentos de controlo e de menor permissividade que diferem das atitudes que mantêm para com os rapazes.

Constatamos também, existirem diferenças significativas entre os progenitores, sobre qual a função que eles podem desempenhar na informação/educação sexual junto dos filhos. As mães privilegiam como função principal a esfera relacional. Manifestam o desejo de ter com os filhos um relacionamento de compreensão e sinceridade, e, poder partilhar com eles os seus problemas e os aconselhar nas suas dúvidas. Os pais, por seu turno, indicam como função primordial, a transmissão do máximo de informações e esclarecimentos, parecendo-nos, que, de algum modo, atribuem menos importância à questão relacional. Ora, essa preocupação dos pais de tónica eminentemente informativa, pode revelar algumas dificuldades por partes destes, em integrar no diálogo com os filhos sobre a sexualidade a vertente dos sentimentos, do amor e dos afectos.

A preocupação informativa por parte dos progenitores manifesta-se na aquisição de material didático sobre a temática, tendo como objectivo possuírem «informações correctas» para ajudarem os filhos nas suas interrogações e dificuldades. Essa procura corresponderá ao sentimento manifesto pelos mesmos relativamente à fragilidade da informação, à imaturidade psicológica, e à dificuldade de expressão que denotam nos seus filhos.

4.3. Grupo de Amigos

O grupo de amigos, como prevíamos, é de crucial importância para os jovens entrevistados na comunicação sobre os argumentos sexuais.

A análise dos dados mostra, no entanto que existem diferenças assinaláveis entre os rapazes e as raparigas, na frequência com que recorrem

a ele. Para além da já referida maior frequência dos rapazes a esse quadro de referência, há que assinalar o facto de algumas raparigas afirmarem nunca o fazer, situação que não ocorre no universo masculino.

Por outro lado, todos os adolescentes indicam falar de sexualidade, preferencialmente com companheiros do mesmo sexo. A informação sexual entre os companheiros é constituída, particularmente, pelo (a) melhor amigo (a), e pelas experiências pessoais respectivas. Evidencia-se ainda, que, quando o (a) namorado (a) pertence ao grupo é referido (a), uma vez mais, como interlocutor privilegiado, principalmente a namorada para os rapazes. De facto, para eles, o partner aparece sempre como uma referência importante na comunicação sobre as questões sexuais, provavelmente quando não se trata de uma relação esporádica. A maior presença da «namorada» — comparativamente à do «namorado» — enquanto dialogante sobre questões sexuais, poderá estar ligada à imagem cultural da figura feminina — para os rapazes — como mais apta a tratar de questões inerentes ao amor. Como se viu, a outro nível geracional, o próprio pai reconhece que a mãe é mais capaz de dar conselhos perante dúvidas e dificuldades dos filhos na matéria.

No que respeita à função que o grupo de amigos deve desempenhar neste campo, os jovens de ambos os sexos são consonantes nas suas opiniões, i.e., todos projectam nesse quadro a possibilidade de conversar abertamente com alguém que os compreenda, de encontrarem solidariedades e troca de ideias sobre experiências e dúvidas comuns. O grupo funciona como um espaço de confidências, de partilha de angústias, onde o adolescente se sente um igual aos outros.

Como já ficou explícito, a função primordial do grupo de adolescentes não é a de fonte de informações correctas e verdadeiras sobre a sexualidade. Ele parece funcionar antes como um pólo de referência pela comparação com os outros membros constituintes, como espaço de apoio e segurança. Essas funções parecem ser ainda mais conseguidas junto dos membros do mesmo sexo: ainda «mais iguais» dentro dos «iguais».

Embora a maioria dos progenitores, atribua ao grupo de amigos um papel importante, ten-

dem no entanto, principalmente o pai, a desvalorizá-lo quando as respostas são comparadas com a dos filhos. As respostas das mães aproximam-se mais das dos filhos, afirmando que estes se sentem mais à vontade com os amigos, donde é possível um diálogo mais sincero. Todavia, pais e mães consideram que os amigos possuem conhecimentos superficiais, e como tal, receiam que o grupo transmita informações incorrectas. São também as mães, que menos vêem o grupo como possibilidade de influenciar os filhos negativamente, afirmando, pelo contrário, que ele favorece a troca de experiências, informações e a oportunidade de diálogo.

4.4. *Professores/Escola*

Como já vimos, neste estudo a comunicação entre os professores e os jovens assume um significado pouco expressivo.

De facto, quando perguntamos aos jovens se costumam abordar os temas sexuais com os professores, mais de metade afirma nunca o fazer, ou então, refere que quando isso acontece é de uma forma ocasional.

Subentende-se, de tudo o que os jovens têm dito, que a escola não funciona como fonte de informação, e que existe uma ausência quase total de hábitos de comunicação a este nível. No entanto ao analisar o modo como é vivida pelos jovens a reacção dos professores quando abordados sobre este assunto, constata-se que na sua opinião aqueles tentam ajudá-los e esclarecê-los sobre as questões colocadas.

De notar que, mais uma vez, os resultados são diferentes entre os jovens quanto ao papel que gostariam que os professores desempenhassem nesta temática. 74% das raparigas e apenas 42% dos rapazes desejam que os professores os informem e esclareçam nas suas dúvidas. Contudo, um maior número de rapazes (38%), comparado com o de raparigas (18%), sente necessidade que os professores tenham uma função de apoio e aconselhamento. Poder-se-á questionar em que medida essa manifestação não compensará o mesmo tipo de desejo projectado pelas raparigas no quadro parental.

Salientamos ainda, que a quase totalidade dos jovens, sem distinção de sexo, expressa ser da máxima importância e urgência o facto da

escola introduzir aulas de educação sexual e realizar iniciativas no sentido de dar informações a nível sexual: verifica-se que, 67% dos rapazes e 63% das raparigas concordam na necessidade em ter aulas de educação sexual na escola para os ajudar a estar mais esclarecidos e a viver a sua sexualidade com «naturalidade» e «responsabilidade». Por outro lado, realçam ainda a importância de receber informações por via de alguém tecnicamente classificado. Contudo, um número ainda bastante significativo, não vê qualquer interesse nessas aulas e preferem obter informação sexual por outras entidades diferentes da escola.

Os pais, por sua vez, estão também conscientes da ausência dessa informação nas escolas, e da lacuna que isso representa na formação sexual dos filhos. É interessante notar, todavia, que os pais manifestam o desejo de os filhos receberem essa educação sexual nas escolas, mas remetem para as aulas a área meramente informativa da prevenção, atribuindo-lhe marcadamente um carácter científico. Receiam mesmo, a abordagem do tema numa forma não «imparcial» e muito «aprofundada», pondo em causa a idoneidade dos programas e dos professores. Certamente, que estes receios são justificáveis, mas transmitem também, o medo de perderem o controlo da informação. Pensam que a pessoa mais indicada para leccionar esta disciplina seria aquela que tivesse uma formação psicológica e pedagógica.

4.5. Meios de Comunicação

Sobre a aquisição de informação sobre temas relacionados com a sexualidade através dos meios de comunicação/mass-média, 36% dos inquiridos afirmam nunca o fazer e 60% apenas o farão esporadicamente.

A maioria dos jovens mostra-se insatisfeita quanto a essa informação, mas são as raparigas que, mais uma vez, se manifestam mais exigentes e críticas, chegando a referir a má qualidade do tipo de informação assim veiculado.

Efectivamente, a televisão é um meio de comunicação a todos os níveis poderosíssimo, inclusive, na área da sexualidade. São recorrentes as cenas mais ou menos «sexualizadas», eróticas e pseudo-eróticas, facilmente comerciáveis e, muitas vezes completamente descontextuali-

zadas de um relacionamento afectivo. Apesar dos riscos dessa manipulação do discurso sexual, a emissão televisiva pode, no entanto, funcionar no interior da família como mediador no diálogo, facilitando a fluidez da comunicação. Porém, a análise dos resultados evidencia que a quantidade de informação transmitida pela televisão não corresponde à sua qualidade.

6. CONCLUSÕES

Ressalta neste estudo, que os adolescentes não recorrem apenas a uma fonte de informação mas as várias, alternadamente, assumindo, cada uma delas, funções específicas complementares junto dos jovens. Esta diversidade de fontes disponíveis permitir-lhes-á, em princípio, maior possibilidade de encontrar apoio adequado nas suas dificuldades ao longo do processo maturativo, e, de fazerem as suas escolhas sexuais de forma mais consciente e gratificante. Para além disso, essa mesma diversidade responde à necessidade que os adolescentes têm de confrontarem os diferentes argumentos sexuais, emitidos por parceiros e meios diferentes para poderem criar o seu próprio discurso e atitude.

Assim sendo, não seria sensato considerar uma fonte ou emissor de informação qualitativamente melhor do que outra — na sua forma ou no discurso emitido. O melhor será assumi-las como o conjunto de vozes que, com contributos e de modos diferentes constituem a *fonte de informação* dos adolescentes.

É sobretudo nesta perspectiva de complementariedade dos emissores e de liberdade de escolha do adolescente que deve ser analisada a construção da sexualidade e a importância das fontes de informação nesse processo considerando também que o adolescente não é um receptor passivo de fontes unívocas e estáticas.

A interactividade deste processo é testemunhada, antes de mais, pelas diferenças entre as respostas femininas e as respostas masculinas quando confrontadas com as mesmas questões. As raparigas manifestam-se mais críticas, exigentes e motivadas, provavelmente por um mais difícil acesso à informação sexual, mas evidenciando também uma maturidade psicológica maior. Os rapazes procuram uma informação sexual que não implique outras formas de

envolvimento. Não se trata, como diz Palmonari (1991), de uma atitude passiva, meramente receptiva ou acrítica, mas sim de um estilo de «olhar», em que o jovem procura não se envolver nem «se mostrar» demasiado no intercâmbio com o interlocutor.

O carácter interactivo do processo de construção da sexualidade manifesta-se também quando confrontamos as respoostas de filhos e progenitores. Estes sentem a responsabilidade de realizar esta tarefa que lhes incumbe ainda tradicionalmente, pondo em jogo as suas próprias questões sexuais, temendo agora não ser capaz de responder adequadamente, e, receando ambiguamente deixar escapar cada vez mais o papel central de transmissão de modelos educativos a favor da escola ou dos mass-média, cada vez mais invasores da esfera senão educativa pelo menos informativa. Tal como em Itália, também em Portugal, a maioria dos pais se mostra favorável à introdução da educação sexual nas escolas mas com algumas reservas decorrentes da ambiguidade das suas próprias posições. Eles delegam à Escola o que respeita à informação dos jovens, no entanto, desejam que esta informação seja o mais possível imparcial e rigorosamente científica, ou seja, aceitam abdicar do seu papel informativo, mas demonstram fortes resistências em partilhar a sua prerrogativa educativa. Mas, evidentemente, estas atitudes são matizadas pelo nível sócio-cultural dos progenitores.

Esta ambiguidade manifesta no que respeita a partilha da função educativa é comum a pais e mães. No entanto, em termos efectivos parece continuar a ser a mãe aquela, pelo menos no que respeita as questões sexuais, que mais assume o seu papel de transmissora de valores.

Fazendo intervir o carácter preferencial da monosexualidade para o diálogo sobre estas questões, é possível entender, por exemplo, porque as raparigas têm frequentemente a mãe como interlocutora privilegiada, ao lado da melhor amiga ou da irmã mais velha. No entanto, para os rapazes a variável da monosexualidade não parece ter força suficiente para transformar o pai num confidente. De facto ela é contrariada pelas manifestas dificuldades que uns e outros apresentam em abordar temas intrínsecos à sexualidade como o dos afectos, não significando que o diálogo seja inexistente, mas

antes neutro, brincalhão, assentando fundamentalmente numa cumplicidade mais implícita do que explícita.

Também no que respeita ao grupo enquanto espaço de informação a monosexualidade joga um papel fundamental, cruzada com a homogeneidade de idade. Esse cruzamento cria, talvez o espaço de maior intimidade para as conversas sobre sexo: os assuntos íntimos discutem-se entre iguais. Mas, por outro lado, a análise dos resultados demonstra que o que os adolescentes procuram no grupo não é uma informação de crédito. De facto, o grupo de pares ao anular a diferença de idades abre mais a esfera da intimidade, mas perde com isso a dimensão do reconhecimento do saber que os adolescentes reconhecem aos pais enquanto mais velhos, e, portanto, mais experientes.

É também o reconhecimento do saber — embora de um saber de outro tipo, ausente de afectos — que leva os adolescentes a projectar a escola com o espaço possível de informação. No entanto, o desejo paralelo, manifestado espontaneamente, a possibilidade de recurso a consultórios privados e públicos sugere que o carácter demasiado institucional da escola inibe a discussão íntima de temas sexuais que, no entanto, se querem ver travados com seriedade científica.

Todas estas constatações parecem demonstrar que embora cada uma das fontes de informação referenciadas detenha uma função específica importante — que, pelo menos potencialmente, pode desempenhar com sucesso — nenhuma delas, isolada, parece poder vir a ter a capacidade de oferecer, simultaneamente, todas as referências para um crescimento sexual saudável e completo: informação, fornecimento de valores, disinibição. Nem a criação artificial de uma fonte exterior a todas estas parece, por si só, vir a permitir essa possibilidade. Mais sensato nos parece então que qualquer solução seja procurada no seio do conjunto de fontes de informação existentes, entendido como um todo integrado, determinando claramente e dinamizando cada uma das funções que detêm já em potência.

BIBLIOGRAFIA

Bonini, M.C. & Zani, B. (1991). *Dire E Non Dire*.

Modelli educativi et comunicazione sulla sessualità nella famiglia con adolescenti. Milano: Giuffrè Editore.

Ceroni, B., Bonini, C., Cerchierni, L. & Zani, B. (1987). *La Prima Volta*. Milano: Franco Angeli Libri.

Desenvolvimento (Maio 1986). Número Especial: Os Jovens e Nós. Lisboa: Instituto de Estudos Para o Desenvolvimento.

Meltzer, D. (1981). Teoria Psicoanalitica dell'adolescenza. *Quaderni di psicoterapia infantile*, 1.

Sampaio, D. (1993). *Vozes e Ruidos — Diálogos com os Adolescentes*. Lisboa: Editorial Caminho.

RESUMO

Neste artigo analisamos as diversas fontes a que os adolescentes recorrem e desejariam recorrer para se informar sobre o tema da sexualidade, e simultaneamente, fomos ver junto dos respectivos pais quais pensam ser essas fontes de informação. Averiguamos

ainda qual a atitude dos adolescentes e respectivos pais face à introdução da disciplina de Educação Sexual nas escolas. Do cruzamento da análise dos resultados entre os jovens por um lado, e dos pais por outro, emerge sobretudo, a importância da complementaridade entre as fontes, e não, a exclusividade de apenas uma.

ABSTRACT

In this article we analyse the different sources of information, that adolescents seek and wish to seek, in order to obtain information about sexuality. Simultaneously, we have investigate their parents in order to evaluate witch sources they thing their sons seek. We have also analyse the attitude of adolescents and parents towards the new shool subject — Sexual Education. Crossing adolescents data, on one hand, and parents data on the other, mainly emerge the importance of complementarity of sources, and not the exclusivity of one in particular.